

Política e imprensa: jornalismo cubano entre a opinião, a paixão e a informação¹

Daniel Romão Oliveira²

Mônica C P Sousa³

Resumo

Este trabalho se preocupa em analisar as características do jornalismo produzido em Cuba comparando e diferenciando o principal veículo de comunicação do governo socialista de Cuba, o *Granma*, e o portal de notícias da internet de oposição a este governo, o *CiberCuba.com*. O período analisado foi entre 05 e 13 de março de 2018 e 17 a 21 de abril de 2018, períodos que compreendem as eleições para a assembleia nacional e a eleição indireta para presidente de Cuba, respectivamente. Matérias de ambos os veículos foram utilizadas para a observação de como é o *modus operandis* do jornalismo cubano. A pesquisa tem como base os trabalhos de Adriana Barsotti, Hélio de Lena Júnior, José Benitez, Larissa Limeira Grutes e Silva, Leandro Marshall e Sebastião Guilherme Albano.

Palavras-chave: Jornalismo Cubano; Granma; Jornalismo Latino Americano; CiberCuba.; Cuba.

Introdução

Após tentativas de reaproximação, novamente aumenta a tensão entre Estados Unidos e Cuba. Além desta relação conturbada, pela primeira vez após a Revolução Cubana de 1959 a ilha possui um presidente que não é da família Castro e que também não é da geração que fez a revolução no século passado. Com Cuba vivenciando um turbilhão de acontecimentos, nada melhor do que olhar para seu jornalismo para entender os passos dados pelo país. Assim, o estudo de caso a seguir pretende analisar as matérias jornalísticas (incluindo suas fotos, textos, diagramação e qualquer outro viés político e/ou jornalístico) do impresso *Granma*, jornal oficial do regime cubano, e do portal *CiberCuba*, site jornalístico de oposição ao regime criado por cidadãos cubanos. Além de estudá-los separadamente, este estudo de caso também se propõe a compará-los através de seus discursos e parcialidade ou independência.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Jornalista. Assessor de Imprensa em Mercado da Comunicação. danieloliveira7777@hotmail.com.

³ Pós Doutoranda em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do grupo de pesquisa Geografias da Comunicação (UERJ). Docente na Universidade Veiga de Almeida. monica.cpsousa@gmail.com. Orientadora do trabalho

A abordagem de temas como a relação do capitalismo e da democracia com o jornalismo e o desenvolvimento da prática jornalística, assim como a própria história do jornalismo cubano visa à compreensão necessária para entender o jornalismo praticado em uma sociedade socialista, como Cuba.

História e panorama do jornalismo cubano

Em sua monografia, Silva (2007) elucida que para compreender a atual imprensa de Cuba é necessário absorver e observar os aspectos históricos que regeram as mudanças apresentadas pelo jornalismo cubano através do século passado. Como exemplo, o fato do revolucionário José Martí (1853-1895) que, além de comandar a Independência de Cuba em relação à Espanha em 1898, também era jornalista e legou ao atual jornalismo cubano a preocupação em utilizar veículos de comunicação como “meio de organização social, instrumento de educação e de formação de consciência crítica por meio de análise da situação político-econômica de Cuba e artigos sobre literatura, artes, ciências e esportes” (BENITEZ, 1990, p.26 apud SILVA, 2007, p. 13).

A origem da modernização da América Latina tem como ponto inicial a criação das universidades e centros educacionais; além do próprio advento da imprensa latina. Além destes fatores, também é relevante ressaltar que a existência de máquinas tipográficas em diversas regiões das Américas “supõe o estatuto outorgado pelas metrópoles às colônias e encerra em si mesmo as diversas modalidades de colonização” (ALBANO, 2009, p.2).

É necessário notar que a imprensa em Cuba surge simultaneamente com a de outras colônias espanholas na América Latina na primeira metade do século XVIII. O primeiro folheto cubano é datado de 1723. A imprensa nesta época era subordinada à corte espanhola, possuindo a função de noticiar compras, vendas e atividades portuárias. O primeiro periódico das autoridades espanholas em território cubano foi o *La Gazeta de la Habana*, surgido em 1782.

Em 1812, com a promulgação da primeira lei de liberdade de imprensa realizada pela corte espanhola a suas colônias, tem-se o surgimento de inúmeros periódicos. Segundo Silva (2007) mais de 200 veículos surgiram em Havana e no interior da ilha após 20 anos do surgimento da lei, quase todos com o intuito de propagar o nacionalismo cubano, inclusive debatendo em suas páginas sobre a pretensão de tornar a ilha independente da Espanha, como foi o caso do jornal *El Habanero*. Fazendo contraponto

a estes jornais, os espanhóis criaram jornais para espalhar campanhas difamatórias aos ideários que defendiam a independência cubana e seus jornais, exemplos de veículos criados pelos espanhóis com este intuito foram o *The New York Herald* e *La Crónica*. Barsotti (2004) destaca que nesta época, ao redor do mundo, o jornalismo foi feito de maneira política e partidária, caracterizando este período como “primeiro jornalismo”:

Marcondes Filho divide a história do jornalismo em quatro fases e situa a primeira a partir de 1789. Para ele, até aquele ano, não havia atividade jornalística tal como a conhecemos, pois, o autor sustenta que as empresas jornalísticas se caracterizavam por uma atividade ainda muito artesanal e somente atendiam a alguns núcleos de poder econômico e financeiro da época mercantilista, interessados em informações econômicas e políticas. No lastro da Revolução Francesa, sob o lema da liberdade e igualdade, surge o que chama de primeiro jornalismo, cujo fim situa em 1830. Esse primeiro jornalismo se caracterizou pelo conteúdo literário e político. Naquela época, as empresas jornalísticas ainda não estavam orientadas para o lucro e eram deficitárias. Seu principal propósito era defender bandeiras políticas. (BARSOTTI, 2014, p. 70)

Segundo Marshall (2003), a transformação das empresas jornalísticas em oligopólios compostos por grandes e poderosos grupos de comunicação, que ocorreu a partir da virada do século XX para o século XXI, é marcada pelo ingresso do jornalismo em uma era de pós-modernidade. Este período, que é marcado pelo livre mercado, apresenta ambiguidades em que ao mesmo tempo em que o fazer e o discurso jornalístico sofrem de crises de sentido e vazio teórico, também ocorrem grandes avanços tecnológicos e da globalização da cultura, da informação e da economia. Assim, os valores que o jornalismo insere em si próprio são os valores do capital, que torna o lucro na bússola e na própria razão de existência das empresas de comunicação e do fazer jornalístico.

Além destes, que eram considerados jornais revolucionários pela adesão à independência de Cuba, também foi criada durante a segunda metade do século XIX a imprensa operária, como o *La Aurora* criado em 1865 por artesãos após greves dos tabaqueiros em Havana. O *La Aurora* conseguiu destaque entre os trabalhadores cubanos ao denunciar donos de fábricas de charutos, más condições nos locais de trabalho e abusos e maus-tratos sofridos pelos operários. O jornal também foi importante na alfabetização da classe trabalhadora:

Devido à repressão da Espanha, era difícil utilizar o jornal como instrumento de organização do movimento operário; deste modo, os editores preferiam se concentrar na educação dos artesãos: uma de suas primeiras campanhas foi

promover a leitura de livros e jornais durante a jornada de trabalho nas fábricas de tabaco. Com isso, os artesãos de Havana fundaram escolas para sua própria educação e a de seus filhos e tornaram hábito em quase todas as fábricas de La Habana e subúrbios a leitura em voz alta, que se dava da seguinte maneira: havia um trabalhador responsável por ler em voz alta enquanto os outros trabalhavam na confecção de charutos, tradicionalmente um grande produto de exportação no país. Tal costume configurou-se na instituição cultural mais importante entre os tabaqueiros por quase um século (SILVA, 2007, p.18-19).

Durante a época da primeira república cubana (1889-1959), a imprensa intitulada de burguesa por autores como José Benitez (1990) foi marcada pela pluralidade de publicações, que possuíam princípios editoriais de ideologia liberal e, assim como o ocorrido no restante da América Latina durante o século XX, os meios de comunicação eram concentrados em um pequeno grupo de proprietários representantes da elite econômica do país, como a família Rivero, que possuía o jornal conservador *Diario de La Marina*. Na década de 1950, a “*imprensa burguesa*” já havia se estabelecido com quase trezentos jornais e estações de rádio, além de seis canais de televisão. Durante este período, Cuba fora subordinada aos Estados Unidos, que impediam, por exemplo, de Cuba negociar com países estrangeiros sem a autorização dos próprios EUA. Ainda assim surgiram jornais superconservadores, como o próprio *Diario de La Marina*, representantes dos espanhóis e dos interesses oligárquicos. Os jornais conservadores já se estabeleciam como empresas capitalistas com a perspectiva de serem jornais de massa, sensacionalistas e com a ética de *publicizar* os interesses das empresas privadas nacionais e estrangeiras e aos governos ditatoriais deste período, como o de Fulgencio Batista (1940-1959).

Exemplificando este movimento de “entrada no capitalismo” do jornalismo em Cuba, Barsotti (2014) afirma que o primeiro auge do jornalismo funcionando no formato de empresas capitalistas deu-se de 1900 até 1960, quando grandes grupos de comunicação monopolizaram todo o mercado jornalístico. Habermas “estabelece uma relação entre a cartelização econômica da imprensa e os avanços tecnológicos da época” (BARSOTTI, 2014, p. 8), pois com o aumento da quantidade de veículos para a propagação da notícia (além do jornal, o rádio e a telecomunicação, por exemplo) possibilitou a unificação organizacional. Com as agências de notícias ocorre a padronização nos diversos noticiários e a sincronização das redações – o resultado foi que os pequenos jornais locais passaram a depender dos grandes grupos jornalísticos e, conseqüentemente, foram sendo comprados por estes grupos ou transformados em filiados.

O primeiro jornal socialista de Cuba, com nome de *Lucha de Clases*, que alternou períodos de legalidade e censura durante a primeira república cubana, surgiu em 1924, influência direta da Revolução Russa de 1917, pois para Vladimir Lenin, diferentemente de outros pensadores da tradição marxista, apostava que era fundamental para qualquer movimento socialista a criação de uma imprensa própria. Dessa forma, Lenin foi o mentor intelectual da imprensa denominada revolucionária, que rapidamente se propagou para todos os partidos comunistas do mundo na primeira metade do século XX. Para Lenin:

Não existe outro meio de organização a não ser o jornal. Num país democrático, os operários dispõem de vários polos de organização: ação parlamentar, agitação eleitoral, reuniões públicas, participação nas instituições locais, associações profissionais, etc. (WORONTSOV, 2002, p. 35 apud JÚNIOR, 2011, p. 64).

Em 1953 surge o *El Acusador*, criado por Fidel Castro (1926-2016) e seu Partido do Povo Cubano, que era vendido a cinco centavos e tratava de problemas em Cuba, mas seu real objetivo era difamar o regime de Fulgencio Batista. Os anos 1950 foram marcantes para o jornalismo cubano, pois:

Apesar de os anos 1950 constituírem um período fértil para mudanças nas técnicas do jornalismo – desde os anos 1930 baseadas na escola estadunidense, segundo a qual, para citar exemplo mais conhecido, se deve concentrar as informações mais importantes no primeiro parágrafo das matérias (*lead*) – o fato de ele não ser um instrumento cujo objetivo é satisfazer necessidades sociais, mas sim solucionar negócios privados, trouxe, como consequência, a multiplicação de meios de comunicação, de acordo com Benitez (1990). Na década de 1950, havia 142 jornais e revistas, 135 estações de rádio, seis canais de televisão e 13 jornais cinematográficos, nacionais e estrangeiros. (SILVA, 2007, p. 27).

Posteriormente, o Partido do Povo Cubano torna-se a guerrilha Movimento Revolucionário 26 de Julho e cria o jornal *Sierra Maestra*, cujo título deu-se em homenagem às montanhas que eram o abrigo do movimento. Logo em seguida, o Movimento 26 de Julho cria outros veículos, como o *El Cubano Libre*, escrito por Ernesto “Che” Guevara (1928-1967), que apresentava nele suas teorizações políticas e outros escritos, como relatos de suas viagens (inclusive após de concluída a revolução). Pode-se definir a linha editorial destes “jornais revolucionários” como:

a continuação de um jornalismo beligerante, e por isso essencialmente crítico, que começou com as primeiras censuras de imprensa (...). Era um jornalismo herdeiro da imprensa panfletária, que tinha culminado em *Patria*, dirigido por Martí, herdeiro da imprensa operária e comunista, revolucionária (BENITEZ, 1990, p. 128 apud SILVA, 2007, p. 28).

A “imprensa revolucionária” foi fundamental para a propagação dos ideais revolucionários que eclodiram em 1º de janeiro de 1959, quando, após uma greve geral da população cubana e da chegada dos revolucionários do Movimento 26 de Julho empunhando armas em Havana, Fulgencio Batista foge de Cuba e dá lugar ao processo revolucionário cubano.

Após a Revolução Cubana em 1959, o fazer jornalístico transforma-se e os jornais passam a resgatar os princípios da imprensa panfletária como na época de Martí. Os grandes conglomerados capitalistas/jornalísticos, como o da família Rivero (proprietária do jornal *Diario de La Marinha*), teve de fazer concessões aos revolucionários do Movimento 26 de Julho e buscar apoio e financiamento de setores com a Igreja e políticos dos Estados Unidos, tanto que “depois de primeiro de janeiro de 1959, tais publicações optaram por saudar a vitória revolucionária, criticando, no entanto, sua possível conotação socialista ou comunista” (SILVA, 2007, p. 30).

Os “jornais capitalistas” continuaram com seus antigos proprietários durante os dois anos seguintes à revolução, quando foram abandonados por seus donos, que se auto exilaram nos Estados Unidos, após ações do governo revolucionário, como a reforma agrária, a aproximação com a União Soviética e, por fim, o anúncio de Fidel Castro de que Cuba tornara-se socialista, em 1961. O *Diario de La Marina* fechou, outros mudaram sua linha editorial agora sob a coordenação e propriedade do governo socialista: “o antigo sistema político foi destruído, houve uma profunda reforma na educação e os meios de comunicação se tornaram estatais” (SILVA, 2007, p. 30).

Após 1961, os meios de comunicação estatais passaram a ter como missão a educação, a mobilização e a defesa do território cubano. As campanhas contra o analfabetismo e a favor do aumento do nível cultural da população cubana realizada pelo novo regime fizeram com que aumentasse o número de leitores dos impressos cubanos – em 1965, quando o jornal *Granma* foi fundado, sua tiragem já era de 650 mil.

O *Granma*, que recebeu o mesmo nome do iate que levou os revolucionários do México para Cuba em 1959, foi produto da fusão de dois jornais: o *Revolución*, jornal oficial do Movimento 26 de Julho, e o *Notícias de Hoy*, órgão oficial do Partido Socialista Popular, que em 1961 fundiu-se com o Movimento 26 de Julho e formaram as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI). Esta, por sua vez, em 3 de outubro de 1965, tornou-se o Partido Comunista Cubano (PCC). Criado após a formação do PCC, o

Granma declara-se o “órgão oficial do comitê central do Partido Comunista Cubano”⁴ e possui cobertura nacional e internacional. Segundo Silva (2007), todas as 14 províncias cubanas possuem jornal local com circulações médias entre 20 e 50 mil exemplares. Proporcionalmente, segundo a Unesco, Cuba tem uma grande tiragem em jornais para uma população estimada em 11,26 milhões de habitantes. São 119 publicações diárias por mil habitantes (SADER, 2006 apud SILVA, 2007, p. 29).

Quanto ao estilo, desde 1965 o jornalismo cubano mesclou o conceito estadunidense (com a utilização de *lead*, por exemplo) com os ideários leninistas, que define a missão da imprensa em servir à educação e à defesa da soberania, que cada órgão sindical e oficial possua seu próprio jornal, além do jornalismo opinativo ser importante para a construção do discurso jornalístico em Cuba (como era na União Soviética). Nas redações, como atesta Silva (2007), quando não há consenso sobre a publicação de determinada matéria forma-se uma comissão e decide-se coletivamente o que fazer. Além deste ponto, as críticas feitas pelo jornalismo cubano não ultrapassam o limite de ser uma crítica contra a revolução de 1959. Em Cuba, a primeira faculdade de jornalismo foi criada em 1965 na Universidade de Havana e, assim como no Brasil, não é necessário o diploma universitário para atuar na profissão de jornalista.

O sentido nas matérias do *Granma* e do *CiberCuba*

Importante notar que a cobertura política antes, durante e após as eleições cubanas e até a posse de Diaz-Canel utilizam pressupostos diferentes de acordo com a visão política e a linha editorial do veículo em questão. Em 9 de março (ver imagem 1), por exemplo, *Granma* fez matéria em que relata que uma suposta provocação de opositores do regime com o apoio de organizações internacional (incluindo a imprensa) fora abortada pelo Ministério de Relações Exteriores de Cuba. Em profunda pesquisa sobre o fato na internet, não foi possível encontrar nenhuma matéria de qualquer outro veículo, dentro ou fora de Cuba, sobre uma suposta ação de opositores ao socialismo cubano durante as eleições de março – fato que em si não desmente a notícia do *Granma*, mas o ponto mais contestatório aqui é a própria fonte da notícia ser o próprio regime/ministério cubano, além do fato de a matéria não estar assinada por nenhum jornalista.

⁴ <http://pt.granma.cu/>

Imagem 1 – Publicação do Jornal Granma de 9 de março de 2018

Abortada provocación anticubana en vísperas de las elecciones

Declaración del Ministerio de Relaciones Exteriores de Cuba

Una nueva provocación anticubana se ha intentado orquestar desde el exterior, mediante el otorgamiento de un «premio», con el objetivo de interferir en los asuntos internos de Cuba, generar inestabilidad, afectar la imagen del país y las relaciones diplomáticas de Cuba con otros Estados.

La operación se ha realizado con el financiamiento y apoyo de la contrarrevolución externa y de otras organizaciones internacionales como la llamada Iniciativa Democrática de España y las Américas (IDEA), la Fundación para la Democracia Panamericana, la Fundación Memorial de las Víctimas del Comunismo, y utilizando como instrumento un grupúsculo ilegal anticubano. Como ya es habitual en cualquier iniciativa reaccionaria de nuestra región, no faltó el involucramiento del Secretario General de la OEA.

Cabría recordar que el pasado año se intentó una operación similar, en la que además de los ya mencionados participaron el Centro Democracia y Comunidad, el Centro de Estudios y Gestión para el Desarrollo de América Latina (Codal) y el Instituto Interamericano para la Democracia, del terrorista y agente de la CIA Carlos Alberto Montaner, quienes se han mantenido activamente trabajando contra Cuba y de quienes se conocen sus vínculos con la Fundación Nacional para la Democracia de Estados Unidos (FNEA, por sus siglas en inglés), que recibe fondos del gobierno de ese país para implementar sus programas subversivos contra Cuba.

Estas organizaciones tienen sobradas credenciales como agentes de la injerencia y la subversión contra los gobiernos progresistas de Nuestra América, con el propósito de destruirlos, para lo cual han dedicado significativos esfuerzos y recursos. Curiosamente, guardan silencio cómplice sobre la amenaza del uso de la fuerza y la instigación reciente de razas, tribus, golpes militares contra la República Bolivariana de Venezuela, callando ante los golpes de estado en el continente, no denuncian el hambre y la pobreza, ni la discriminación racial y religiosa que están presentes en nuestra región.

No pueden contar tampoco nuestros

pueblos con estas organizaciones y sus personajes para luchar por más justicia social y equidad, para apoyar a los familiares de líderes progresistas, sindicalistas y periodistas asesinados por sus ideas políticas, ni a otras víctimas del paramilitarismo y el crimen organizado.

Se pretendía esta vez montar un espectáculo que afectase el normal desenvolvimiento de las elecciones generales en Cuba. Las acciones combinaron una estrategia de comunicación, a través de los medios internacionales y redes sociales, con medidas encaminadas a burlar las disposiciones jurídicas de nuestro país, y a restar legitimidad a la justa y legal actuación de nuestras autoridades.

Aunque sabían bien y fueron advertidos de que con estos propósitos no serían bienvenidos en Cuba, Andrés Pastora Arango y Jorge Fernando Quiroga Ramírez, ex-presidentes de Colombia y Bolivia, respectivamente, y el diputado chileno de la Unión Demócrata Independiente (UDI), Jaime Bellolio Avaria, se prestaron para participar de esta provocación en el territorio cubano, por lo que, basados en nuestras leyes y en normas internacionales, no se les permitió el ingreso a nuestro país.

Dicha acción se inscribe en la ofensiva imperialista contra los pueblos de América Latina y el Caribe, en la que el gobierno de Estados Unidos ha declarado la relevancia y vigencia de la «Doctrina Monroe», y ha provocado un retroceso en las relaciones bilaterales con Cuba.

A los protagonistas de esta maniobra no les interesan para nada Cuba y los cubanos, a quienes ofrecen al pretender violentar el orden constitucional que libremente hemos elegido. Por eso, han tenido que acudir a recursos y personajes foráneos para procurar sus propósitos.

Cada vez que lo intenten, de esta o de cualquier otra forma, recibirán la respuesta firme de los cubanos que permanecemos unidos y fieles a los principios de la Revolución, como lo demostraremos el próximo domingo 11 de marzo, al votar pacíficamente por los candidatos del pueblo.

La Habana, 8 de marzo del 2018
«Año 60 de la Revolución»

Fonte: *Granma*, 09 de março de 2018, p1.

Voltando propriamente à matéria, o fato mais relevante apresentado na escrita é a maneira do jornalismo do *Granma* se relacionar e tratar seus adversários políticos, no caso, também opositores do regime cubano e, assim, considerados opositores do próprio jornal. A prova deste argumento é a forma que o jornal se refere aos seus opositores, no texto o termo utilizado para se referir aos opositores do regime cubanos é “grupúsculo”⁵ seguido por outras duas palavras: “ilegal” e “anticubano”. Tais definições são apresentadas pelo jornal com o objetivo de diminuir e menosprezar os opositores do regime e, conseqüentemente, do jornal; assim como indicar ao leitor/cidadão que estes grupos não representam a vontade do povo cubano, e também ressaltar, como porta-voz oficial, que o regime continua forte e que não há oposição organizada e capaz de derrubá-lo. Estas afirmações se unem com o propósito de tornar o jornalismo de *Granma* como principal articulador jornalístico das movimentações políticas que ocorrem na ilha e tornar grupos (incluindo os jornalísticos) de oposição ao regime socialista mal vistos pela sociedade cubana.

O fato de ressaltar que estes grupos de opositores seriam “ilegais e anticubanos”, segundo adjetivos dados pelo *Granma*, é uma forma de tornar tais pessoas como inimigas

⁵ “Grupelho”. (Tradução livre do autor)

do Estado e do povo cubano, utilizando o jornalismo como forma de estigmatizar os próprios inimigos do jornal perante a opinião pública, além de tentar influenciar a sociedade a se posicionar contrariamente a estes grupos, seja da forma que for. Tais fatos remontam à primeira fase do jornalismo, como visto em Barsotti (2014), em que jornais eram utilizados para difamar adversários políticos dos proprietários destes meios de comunicação, no caso do *Granma*, o Partido Comunista Cubano ser seu proprietário e utilizá-lo como ferramenta na batalha política contra adversários e na arregimentação de aliados.

No caso do *CiberCuba*, o “outro” tem nome. Em reportagem de 19 de abril, o portal faz uma matéria falando sobre Miguel Diaz-Canel, mais precisamente sobre as linhas de expressão do seu rosto. O texto busca decifrar o que expressa Diaz-Canel através de suas fisionomias. Para isso, a matéria utiliza como especialista uma empresa organizadora de eventos, localizada em Murcia, na Espanha, chamada *Escuela de Protocolo*. Além da empresa não fazer nenhum trabalho relacionado ao estudo comportamental e de interpretação de fisionomia, após contato por e-mail com esta questionando a veracidade das informações apresentadas na matéria, a *Escuela de Protocolo* respondeu em nota (ver imagem 2):

los comentarios enviados al medio que cita no son opiniones personales de la Escuela de Protocolo de Murcia, son un análisis de fotografías y vídeos proporcionados por CiberCuba, y son análisis muy generales de comportamientos o expresiones puntuales partiendo de estudios de expertos en la materia⁶.

Entre as análises⁷, ressalta-se a que diz que Diaz-Canel possui linhas de expressão que indicam nojo, o que pode ser considerado surpresa ou mentira. Outros dois fatos relevantes são:

a) as fotos que acompanham o texto foram claramente escolhidas com o objetivo de exemplificar e comprovar o que diz o texto;

b) não é citado diretamente o nome de nenhum especialista, apenas o da empresa de eventos. O que posteriormente, após contato com a empresa citada na matéria, foi

⁶ “Os comentários enviados que o veículo cita não são opiniões pessoais da “*Escuela de Protocolo de Murcia*”, são análises de fotografias e vídeos fornecidas por *CiberCuba* e são análises muito generalizadas de comportamento ou expressões pontuais baseadas em estudos de especialistas da área”. (Tradução livre do autor)

⁷ <https://www.cibercuba.com/noticias/2018-04-19-u192519-e192519-s27061-asco-y-sorpresa-o-mentira-lo-esconden-lineas-expresion>

comprovado ter sido falsificado pelo site *CiberCuba*, que, deliberadamente, mentiu uma fonte na matéria, o que mostra que a veracidade não é importante nos princípios editoriais do veículo.

O foco que a matéria apresenta busca propor elementos a fim de desestabilizar a imagem do “outro” (inimigo político), no caso Diaz-Canel e, conseqüentemente, o regime cubano. Assim, novamente o jornalismo é utilizado como ferramenta política a serviço do emissário da opinião ou informação. O jornalismo atuando para este sentido não precisa necessariamente de informações relevantes, que tenham caráter de serviço ao público ou mesmo verdadeiras, mas apenas de qualquer notícia, por mais irrelevante ou mentirosa que seja no cenário da editoria política, para utilizá-la com o intuito de desmerecer e arruinar a imagem de adversários políticos.

Imagem 2 – Resposta por e-mail da Escuela de Protocolo



Fonte: Mensagem de email recebida por <daniel@mercadocom.com.br

Em 19 de abril ocorreu a eleição indireta, realizada pela Assembleia Nacional Cubana, para eleger o novo Presidente do Conselho de Estado e Ministros. Miguel Diaz-Canel foi eleito com 99,83% dos votos, ou 602 votos entre 604 deputados presentes. No dia seguinte, 20 de abril, o jornal *Granma* publicou matéria de capa inteira sobre o novo presidente cubano (ver imagem 3), como seria natural a qualquer veículo impresso do mundo noticiar em suas capas a eleição de um novo presidente nacional, por ser uma informação completamente relevante para a população e leitores em geral e que, por si

só, satisfaz o ímpeto de transmitir a informação e o conhecimento que a prática jornalística aspira e necessita para sua sobrevivência cotidiana.

Imagem 3 – Publicação do Jornal Granma de 20 de abril de 2018



«(...)ese es en esencia el contenido moral del socialismo: trabajar para el pueblo, trabajar para la patria, trabajar para el hombre y, sobre todo, trabajar para el mañana».
Fidel Castro Ruz

Fonte: Granma de 20 de abril de 2018. p.1

A matéria do *Granma* possui como título “otro 19 de abril de victorias”⁸, remetendo a mesma data de 1961 quando os cubanos derrotaram a invasão comandada pela CIA em conluio com dissidentes cubanos através da Baía dos Porcos, fato que foi o estopim para Cuba declarar-se socialista. Apenas com esta analogia, em que o jornalismo do *Granma* coloca lado a lado o evento histórico que tornou Cuba socialista e a notícia da eleição do primeiro presidente cubano da era “pós-castros”, é possível observar a importância que o jornal e, consequentemente o Partido Comunista Cubano, insere na figura de Diaz-Canel como fiel depositário da missão de continuar os avanços da Revolução Cubana após a distensão com os Estados Unidos.

O texto da matéria corrobora com esta importância dada a Diaz-Canel ainda no *lead*, em que ressalta que:

hay mucho de responsabilidad, de simbolismo, en el tránsito de esa generación histórica a otra, que no se curtió entre montañas ni bajó de la sierra con un triunfo peleado; pero que ha crecido como salvaguarda y, sin apartarse del

⁸ “Outro 19 de vitórias”. (Tradução livre do autor).

*camino, se ha dispuesto a fundar, a transformar, a conquistar.*⁹ (*Granma*, 20 de abril de 2018, p. 1)

O decorrer da matéria continua ressaltando o fato de Raul Castro ter elogiado e ter sido importante na formação política de Diaz-Canel. E no fecho da matéria há a frase que define todo o pensamento por trás da linha editorial do *Granma*: “*Y no es que sea fácil todo lo que ha de hacerse. Pero este 19 de abril no hubo rupturas. La continuidad tiene rostros*”¹⁰.

Assim, após ter indicado que a continuidade é boa ou que não há atritos entre o passado de Cuba e seu presente, como já estudado neste capítulo, o jornal finaliza sua cobertura eleitoral e política afirmando que o passado de Cuba, que por si só possui inúmeras glórias e tragédias, que vão desde as conquistas na área da saúde até a pobreza causada pelo embargo comercial imposto pelos EUA; venceu seus opositores ao conseguir um fiel sucessor após diversas tentativas de derrubada e assassinar Fidel e Raul Castro. A fotografia também é exemplar sobre este sentido na matéria: Raul Castro ergue o braço de um sorridente Miguel Diaz-Canel.

O *CiberCuba* em matéria de 21 de abril¹¹ afirma desde o *lead* que toda a cerimônia de alternância de poder foi montada para afirmar a ideia de continuidade perante à comunidade internacional e aos cubanos. Ideia não muito diferente do *Granma*, porém o *CiberCuba* reflete o lado negativo desta continuidade, alertando para o que o portal define como sendo um novo rosto para um antigo governo ditatorial.

Além disto, a matéria afirma que a votação na Assembleia se portou de maneira a que Diaz-Canel pudesse tomar posse ainda no dia 19, para coincidir propositalmente com a data da vitória na Baía dos Porcos. Segundo o site, este seria outro atestado do novo governo em se orgulhar de continuar o trabalho que os Castros fizeram durante seus mandatos como presidentes de Cuba.

No fecho da matéria, novamente o *Cibercuba* faz uma análise das linhas de expressão de Diaz-Canel utilizando como fonte a empresa Protocolo, como na publicação

⁹ “Há muito de responsabilidade, de simbolismo, na transferência desta geração histórica a outra, que não se bronzeou entre as montanhas, nem desceu da serra com a luta triunfada; mas que cresceu como salvaguarda e, sem dispersar do caminho, se dispôs a fundar, transformar, a conquistar”. (Tradução livre do autor);

¹⁰ “E não que seja fácil tudo o que se há de fazer. Mas este 19 de abril não criou rupturas. Mas a continuidade tem rostos”. (Tradução livre do autor).

¹¹ <https://www.cibercuba.com/noticias/2018-04-21-u192519-e192519-s27061-escenografia-continuidad-cuba-discurso-fecha-y-silla>

de 19 de abril, fato já desmentido pela empresa como visto neste capítulo. Novamente o jornalismo político do *CiberCuba* indica que mais importante que a verdade é a tentativa de difamar adversários, tratando, assim, o jornalismo não como fonte de informação, mas como arma política.

Considerações finais

Tanto o *Granma*, quanto o *CiberCuba* representam setores da sociedade civil ou política de Cuba. O *Granma*, criado pelo Partido Comunista Cubano, representa apoiadores do regime socialista e trabalha como “porta-voz” ou diário oficial da comunicação do governo central com a população. Além disso, recentemente passou a participar do movimento jornalístico “Cuba Debate”, que é composto por jornais e jornalistas de Cuba ou de outras nacionalidades que, segundo o próprio movimento, se opõe “*al acoso y hostigamiento mediático que sufren los pueblos*”¹²; desta forma, o “Cuba Debate” se organiza como fonte veraz e defensiva da sociedade cubana contra o oligopólio midiático formado pelo capitalismo global.

O site *CiberCuba*, por sua vez, expressa a população cubana que é contrária ao regime em que vive, sendo o principal portal de internet de notícias factuais da oposição ao socialismo cubano. Como o *CiberCuba* não apresenta na navegação do site índices sobre a linha editorial e a história dele, fica difícil ter a certeza de que movimentos o criaram ou que ele representa. Foram duas tentativas de entrevistas por e-mail e redes sociais com editores do site para sanar estas dúvidas, a última em 22 de maio de 2018, porém nenhuma resposta foi dada até o momento de impressão desta monografia. Assim, o que podemos resumir sobre a oposição cubana é que ela pode ser compreendida por organizações civis e membros independentes que são contrários às políticas sociais e econômicas geridas pelo Estado Cubano desde a Revolução de 1959.

Estes vieses dados às análises, além do sentido dado a cada matéria, tem como fonte a falta de independência característica do jornalismo cubano, expressa claramente nas matérias de *CiberCuba* e do *Granma*. Esta ausência de independência é o que origina a parcialidade, seja ela a favor ou contra o regime socialista, expressas nas páginas dos veículos, seja através da forma que uma matéria é escrita até a escolha da foto que ilustra o texto ou mesmo do especialista utilizado.

¹² <http://www.cubadebate.cu/editores/>

O objetivo de todas estas características é de transformar o jornalismo em ferramenta política a favor dos proprietários dos veículos. Para isto, o *Granma* e o *CiberCuba*, através de seus editoriais, escondem-se atrás de credibilidade que a prática profissional do jornalismo tem perante à sociedade e opinião pública; assim, ambos veículos direcionam a seu bel prazer contextos e notícias, que não necessariamente precisam condizer com a verdade, para conduzir as versões oficiais à temática que eles aspiram por conta de suas ideologias. Desta forma, o jornalismo cubano também é uma tensão constante na disputa pelo espectro ideológico majoritária da sociedade cubana.

Quanto a questão da liberdade de imprensa em Cuba, a própria existência do site *CiberCuba* mostra que o regime socialista tem aceitado conviver com críticas na imprensa, porém ainda existe na ilha leis de imprensa que coíbem em muito críticas contrárias ao socialismo ou à revolução¹³. Além de o acesso à internet ainda ser caro e impossibilitar a maioria dos cubanos em pesquisar em sites de oposição ao regime.

Referências

ALBANO, Sebastião Guilherme. **Estado, instrução e Imprensa na origem da América Latina**. In: Encontro Nacional de História da mídia, 2009, Fortaleza. Anais dos encontro de História da Mídia. Fortaleza, 2009. p.1 -p18 Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Estado-%20instrucao%20e%20imprensa%20na%20origem%20da%20America%20Latina.pdf>>. Acesso em: 22/04/2018.

BARSOTTI, Adriana. **Da fase romântica do jornalismo político e literário à era da internet: o jornalismo e a busca por legitimação**. In: Intercom? Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1866-1.pdf>>. Acesso em: 09/04/2018.

BENITEZ, José. *Jornalismo em Cuba*. São Paulo: Com-arte, 1990.

JÚNIOR, Hélio de Lena. **A liberdade de imprensa em chave marxiana**. *Revista de Direito e Práxis*, v.2, p.56-70, 2011. Disponível em: www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/viewFile/2347/8230. Acesso em: 29/03/2018.

MARSHALL, Leandro. **A estética da mercadoria jornalística**. 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/marshall-leandro-estetica-mercadoria-jornalistica.pdf>>. Acesso em: 18/04/2018.

¹³ 28<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-17523-cuba-da-maior-espaco-para-criticas-no-jornalismo-mas-restricoes-atrasam-progresso-da-l>

SILVA, Larissa Limeira Grutes da. **Breve histórico do jornalismo em Cuba: algumas reflexões sobre o conceito de liberdade de imprensa.** Monografia (Monografia em comunicação social/Jornalismo), Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), 2017. Disponível em: <<http://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1644/1/LSilva.PDF>>. Acesso em: 25/04/2018.